

---

# São Torcato:

## história, devoção e património

---





## **Irmandade de São Torcato**

### **Irmandade de São Torcato**

**Juiz:** Paulo Jorge Freitas Oliveira Novais

**Vice-juiz:** Manuel Macedo Carvalho

**Secretário:** José Manuel Magalhães Teixeira

**Tesoureiro:** Ricardo António Torres Faria de Freitas

**Vogais:** Miguel Ricardo Freitas Rodrigues, Rui André Freitas de Sousa, Manuel Freitas da Silva, Daniel Augusto Piairo de Castro, Francisco da Cunha Santos, Maria Teresa Vaz Batista Vieira e Brito, José Miguel Oliveira Guimarães Matos

[www.irmandadesaotorcato.pt](http://www.irmandadesaotorcato.pt)

### **Título**

São Torcato: história, devoção e património

### **Coordenação editorial**

Raul Pereira, Francisco Brito

### **Autores**

Aires Gomes Fernandes, António Amaro das Neves, António José de Oliveira, Armindo Cachada, Francisco Brito, Hugo Castro, João Durães, João Luís Marques, João Paulo Braga, Luís Fontes, Manuel Miranda Fernandes, Maria José Queirós Meireles, Nuno Vieira e Brito, Paulo Abreu, Raul Pereira, Rita Salgado, Rui Faria, Vitor Fernandes

### **Revisão**

Filipa Araújo

### **Design editorial**

Pedro Simões

### **Fotografia da capa**

Arquivo da Irmandade de São Torcato

### **Edição**

Município de Guimarães

[www.cm-guimaraes.pt](http://www.cm-guimaraes.pt)



CÂMARA  
MUNICIPAL DE  
GUIMARÃES

### **ISBN**

Edição impressa — 978-972-8050-72-6

Edição digital — 978-972-8050-74-0

### **Depósito Legal**

515177/23

ANNO MMXXIII

O cumprimento do Acordo Ortográfico de 1990 ficou ao critério de cada autor(a).



João Paulo Braga

Universidade Católica  
Portuguesa / CEFH

# São Torcato na pena de Camilo Castelo Branco e de outros romeiros literários



Camilo Castelo Branco,  
painel de azulejos da autoria  
de Jorge Colaço.  
Casa de Camilo, São Miguel de  
Seide

**Sendo São Torcato um dos santuários e uma das romarias mais importantes do Minho, é natural que Camilo Castelo Branco lhe faça referências na sua vasta obra, profundamente enraizada nesta região, principalmente desde que fixou residência em São Miguel de Seide, a partir de 1864. Rastreamos, neste ensaio, essas referências camilianas, interpretando o seu sentido literário, histórico e cultural, com a ajuda de outros autores que sobre São Torcato escreveram.**

**E**m 2011, a estação ferroviária de São Bento, no Porto, foi eleita uma das mais belas do mundo pela revista americana *Travel+Leisure*. Entre os admiráveis primores da gare portuense, projetada por José Marques da Silva (fixemos este



A romaria de São Torcato (azulejos de Jorge Colaço, na estação ferroviária de São Bento, Porto).  
Raul Pereira

nome), que justificam tão honrosa distinção, contam-se os magníficos painéis de azulejos nas paredes do átrio, desenhados por Jorge Colaço e produzidos pela fábrica de Sacavém. Retratam, predominantemente, episódios da história de Portugal e cenas pitorescas de costumes religiosos e etnográficos das regiões do Minho e Douro. Um desses painéis, que depara a quem entra pela entrada principal, à direita, na parte superior, representa a romaria de São Torcato, em Guimarães. Nele vemos figurado um esfuziante cortejo popular, com música e dança; alguns romeiros comem e bebem, sentados às mesas das barracas de petiscos, enquanto outros repousam deitados no chão.

O artista Jorge Colaço, que, entre outras obras do género, criou os azulejos que revestem o exterior da igreja de Santo Ildefonso, na Invicta, é também autor de um retrato de Camilo Castelo Branco em azulejos. Esse artista era, aliás, genro de Tomás Ribeiro, grande amigo do romancista de Seide. Mas são bem mais profundas, apesar de indiretas, as relações entre o autor do *Amor de Perdição*. Indiretas, porque a estação ferroviária Camilo não a chegou sequer a conhecer. Quando a Estação Central do Porto foi inaugurada em 5 de outubro de 1916 (embora tivesse entrado ao serviço anos antes, em 8 de novembro de 1896), já o escritor há muito havia falecido (1 de junho de 1890). Mas quanto ao Mosteiro de São Bento de Ave Maria, sobre cujos escombros foi construída a gare e do qual recebeu o nome, são relevantes as ligações a Camilo Castelo Branco, com reflexos na sua obra literária.

Foi no Mosteiro de São Bento de Ave-Maria que o romancista pôs a educar uma sua filha, fruto da relação amorosa juvenil com Patrícia Emília de Barros, de Vila Real. A

menina, Bernardina Amélia, teve como precetora a freira Isabel Cândida Vaz Mourão, com quem Camilo, presença habitual nos célebres abadessados da época, terá tido um envolvimento amoroso... Como toda a gente sabe, porém, a mulher fatal do escritor foi outra: Ana Augusta Plácido. E todos sabemos, também, que à conta dessa paixão assolapada, os dois amantes foram encarcerados na Cadeia da Relação, na sequência do processo de adultério que contra eles movera o marido traído, Manuel Pinheiro Alves. Ana Plácido deu entrada no cárcere no dia 6 de junho de 1860; Camilo, esse, entrou uns meses mais tarde:

Era o primeiro dia de outubro de 1860.

O céu estava azul como nos meses estivos. O Sol parecia vestido das suas galas de abril, a bafagem do sul vinha ainda aquecida das últimas lufadas do outono. Que formoso céu e sol, que suave respirar eu sentia, quando apeei da carruagem à porta da cadeia! (Castelo Branco. 1990a. 406).<sup>1</sup>

Neste texto autobiográfico, o “Discurso Preliminar” de *Memórias do Cárcere*, uma das obras cuja gênese, tal como o *Amor de Perdição*, resultou da sua experiência de reclusão, Camilo revive esses angustiantes meses em que andou foragido por terras de Minho e Trás-os-Montes. Nessa altura, valeu-se da proteção, principalmente, de dois grandes amigos nortenhos: Francisco Martins Sarmento, de Guimarães, e José Cardoso Vieira de Castro, de Fafe. Chegou a andar cá e lá, entre Guimarães e Fafe. Regressando à Quinta do Ermo, de Vieira de Castro, depois da visita a Martins Sarmento, nas Taipas, Camilo parou em São Torcato:

Saí do Ermo, outra vez para as Taipas, a visitar Francisco Martins. Das Caldas fui a S. Torquato visitar a múmia do miraculoso santo. Comprei um livrinho que historiava conjeturalmente a vida e morte de Torquato, e um panegírico do mesmo pelo famoso Silos, que já passou desta vida. Beijei devotamente o pé do santo, e comprei umas nóminas, imagens e fitinhas milagrosas.

Comigo ia o meu barbeiro, investido das duplas qualidades de escanhoador e jó-quei pedestre. Mostrou-me ele a fontinha, que brotara do local onde os frades do convento próximo, guiados por uma estrela cadente, descobriram o cadáver incorrupto do santo. Os milagres, de que não rezava o livro, contou-mos ele, de modo que nenhuma dúvida me podia ficar da sua autenticidade. (Castelo Branco. 1990a. 395).

1) Em todos os textos citados, optou-se por atualizar a grafia, segundo o Novo Acordo Ortográfico.



Temos neste trecho um epítome dos vários aspetos – históricos, hagiográficos, religiosos e pitorescos – concernentes ao santo mártir Torcato. O livro designado como “panegírico do mesmo pelo famoso Silos” vem a ser o opúsculo *Vida Preciosa e Glorioso Martírio de S. Torcato*, da autoria de Domingos da Soledade Silos (1805-1855). Nele podemos ler que Torcato, natural de Toledo, viera para Portugal pastorear, como bispo, a diocese do Porto, sendo, depois, nomeado, cumulativamente, Arcebispo Primaz de Braga. Aquando das invasões dos muçulmanos, Torcato saiu-lhes ao caminho perto de Guimarães, para enfrentar, na companhia de um grupo de vinte e poucos cristãos, confiante na sua palavra persuasora, as poderosíssimas tropas comandadas pelo terrível Muça. Aí, Torcato e os seus companheiros são barbaramente abatidos. O corpo do santo foi abandonado entre o mato. Passados anos, deu-se o fenómeno de uma estrela incidir os seus raios de luz no lugar onde o mártir jazia, fenómeno testemunhado por um monge beneditino. Com a ajuda de um pastor que por ali parava, foi descoberto o corpo incorrupto do santo, para grande espanto da multidão que entretanto ocorrera: «Tinha vestido uma samarra cor de telha: e, ao lado esquerdo, um pau ou cajado tosco, insígnia da sua jurisdição», informa Silos no citado livrinho (Silos. 1853. 18).

A “fontinha” de que fala Camilo é aquela que, segundo a tradição, brotou maravilhosamente como prova do aparecimento do cadáver de Torcato. Essa nascente, que permanece nos dias de hoje como uma das atrações dos peregrinos, pela fama das suas águas miraculosas, é celebrada pela poesia popular nesta quadra:

São Torcato, corpo santo,  
Que dais a quem vos vem ver?  
Aguinha da minha fonte  
Pra quem na quiser beber.

Ao lado da fonte, o devoto povo daquelas paragens tratou de erguer uma capelinha, na qual ficou inicialmente guardado o corpo do santo, designada tradicionalmente como “São Torcato o Velho” e hoje como “Capela da Fonte do Santo”. Daí, o corpo do mártir foi trasladado para um mausoléu, dentro de uma capela pertencente à igreja do convento de frades beneditinos, atual igreja paroquial. Em julho de 1852, o santo corpo foi transferido solenemente para a capela-mor do templo projetado, mas não concluído, o qual haveria de ser substituído pelo santuário atual. A construção deste, iniciada no século XIX, continuou ao longo do século XX. Um dos arquitetos que contribuíram nessa edificação foi, justamente, José Marques da Silva, o mesmo que desenhou a Estação de São Bento. A sagração do templo ocorreu em 25 de outubro de 2015, com a presença do Arcebispo de

Braga, D. Jorge Ortiga. Em 2021, no dia 27 de fevereiro (dia de São Torcato), o Santuário foi elevado a basílica, numa cerimónia presidida por D. Jorge Ortiga.

Não demorou muito Camilo nesta visita a São Torcato. Nem podia, que a ocasião não era propícia. Seguiu caminho para a Casa do Ermo, e, já na freguesia de São Vicente de Paços, não ficou indiferente a mais um marco de fé popular das gentes minhotas – a Cruz de Lestoso, umas alminhas, a propósito das quais ouviu uma história daquelas que sempre lhe despertavam interesse:

Chegámos a uma chã, onde estava arvorada cruz de pedra, chamada a *cruz de Lestoso*. O meu barbeiro rezou um *padre-nosso* por alma dum pintor vimaranense, que ali fora assassinado poucos anos antes. Dera-se que um pintor, chamado a retocar o oratório duma viúva, aconselhara a viúva, maltratada por seu filho, a segurar sua subsistência e independência por não sei que escritura, odiosa ao mau filho. Este, ciente do intento ou do facto de sua mãe, saiu acamaradado ao caminho por onde o pintor ia de Guimarães a concluir sua obra, e matou-o a facadas. Se o meu barbeiro é, como creio, verdadeiro, a viúva do defunto compôs-se com o matador, e o Ministério Público com ambos, de modo que o homicida granjeia pacificamente suas terras. Castelo Branco. 1990. 395).

Mas voltemos a São Torcato. Na vasta obra de Camilo, é possível encontrar mais algumas referências, embora sempre muito de passagem.

Assim, nas *Cenas da Foz*, topamos com este passo autorreflexivo, em que o narrador, muito ao jeito de Camilo, introduz um parênteses no fio da narrativa, para comentar o seu estilo literário, maculado de influências da moda. A composição estilística é comparada às sonoridades típicas dos clarinetes que alegam a romaria de São Torcato:

Devo, para desarmar a crítica, protestar contra o epíteto *ebúrnea*. Entrou comigo a peste literária dos modernos torneiros de parágrafos. Arredondar o período é a condição imposta pela tirania do gosto ao escrevinhador laureado. Eu canto o que escrevo; e, se a toada me destoa no tímpano, desmancho a oração em partes, ajusto-as de novo, calafeto-as de artigos, e pronomes, e conjunções, o mais afrancesadamente que posso, e sai-me a cousa um pouco ininteligível, mas harmoniosa como um clarinete de romeiro de S. Torcato de Guimarães. (Castelo Branco. 1983. 791-792).



A comparação remete para uma incontornável dimensão do nosso tema: a festa, a diversão, o folgado, de que faz parte indispensável a música. Como sublinha Pierre Sanchis, num fundamental estudo sociológico sobre esta temática, a romaria portuguesa sempre foi «lugar privilegiado do canto e da dança populares» (Sanchis. 1992. 157).

Alberto Pimentel, na sua obra *As Alegres Canções do Norte*, não podia deixar de fazer largas referências à romaria de São Torcato, aliás, para sermos mais exatos, às *romarias* de São Torcato: a “romaria pequena”, a 15 de maio, data da descoberta do cadáver do santo; e a “romaria grande”, no primeiro domingo de julho (data da trasladação do corpo do mártir da capela do mosteiro para o santuário). A “romaria grande” é-o, desde logo, pela imensa multidão que atrai, oriunda de Minho, Douro e Galiza:

Esta última romaria, que se efetua no primeiro domingo de julho, e se chama “a grande”, alvoroça todo o alto e baixo Minho, o Douro e até a Galiza: concorre a ela uma espantosa aluvião de gente, que vem dos distritos de Viana, Braga e Porto, não faltando romeiros de Espanha. (Pimentel. 1905. 182-183).

Consequentemente, é grande também pela receita de esmolas generosamente deixadas pelos romeiros, como demonstra Pimentel, com a prova dos gordos cifrões que a romaria rendeu em 1904: «As esmolas, que por essa ocasião entram no cofre da respetiva irmandade, são em número avultado, atingem uma cifra importantíssima: no ano de 1904 subiram a mais de 5:000\$000 réis.» (Pimentel. 1905. 183).

Pinho Leal, no seu *Portugal Antigo e Moderno*, realça igualmente a grandiosidade da romaria de São Torcato, grande em gente e grande em rendimentos, como atesta a folha de receitas relativa a 1876 e 1877, com avultada soma de dinheiro, muitos quilos de cera e muitos objetos de ouro:

A romaria de S. Torcato, que se faz no 1.º domingo de julho, é uma das mais concorridas do Minho. Em 1876, renderam as esmolas e ofertas que se receberam na véspera e no dia, 2:185\$285 réis, e 150 quilogramas de cera, que valem (a 400 réis o arrátel) 153\$600 réis – total das esmolais, 2:338\$885 réis. Um só dos círios oferecidos, tinha 60 quilogramas de peso! Além disto, recebeu-se um cordão, alguns brincos e outros objetos de ouro, e grande quantidade de mortalhas. Em 1877, renderam as esmolas, 2:800\$000 réis. (Pinho Leal. 1880. 43).

Mais uma impressionante folha de rendimentos, agora de 1909, é apresentada por Manuel de Sousa Pinto, no livro *Para onde vais, Maria?*, de 1912, ao qual voltaremos mais abaixo:



Para que possam fazer uma ideia da importância da festa e dos ardores generosos da fé que a alimenta, copiarei a nota exata do rendimento deste ano: cinco contos duzentos e sessenta e nove mil trezentos e vinte cinco réis.

Entre os donativos, apareceram noventa e sete libras e nove meias libras em oiro, uma moeda de D. Pedro II, cinquenta e seis gramas de objetos de oiro, o já citado relógio de prata, uma junta de bois, e mais um boi. (Pinto.1912. 27).

Fialho de Almeida, em *Estâncias de Arte e de Saudade* (1921), também mede a grandiosidade da romaria de São Torcato pela quantidade de pessoas e pela soma de oferendas. Acrescenta mais um indicador, ao qual voltaremos daqui a pouco: a quantidade de pipas de vinho que chegam atestadas ao arraial e saem vazias:

Hoje, S. Torcato mete romarias de vinte e trinta mil pessoas, com enxugue de quarenta e cinquenta pipas de vinho; as suas rendas de esmolos orçam por seis e sete contos, quatro ou cinco dos quais, pingadeira de caixa e de bacia; e a sua fama celeste ascende sempre, porque é um santo de carne, mais habilitado portanto que os Bom Jesus de castanho e as N. N. S. S. de Cerdeira. (Almeida. 1921. 114).

A romaria de São Torcato é, pois, mesmo grande: em fé, em caridade, em folganças, em cantares, em música! Descreve Alberto Pimentel, no já citado livro *As Alegres Canções do Norte*: «Os romeiros caminham folgazãos, cantando e dançando ao som da viola, por entre essas duas longas alas de verdura.» (Pimentel: 1905: 189). É um dos mais eloquentes exemplos do fenómeno assim definido por Sanchis no estudo supracitado: «A romaria é vivida como festa, quer dizer, como acontecimento total, que se constitui em rutura do cotidiano, irrupção de um “outro” universo». (Sanchis. 1992. 139).

José Augusto Vieira, no *Minho Pitoresco* (1886), chama-lhe “romaria de rachar”, e transcreve o programa das festas, no qual se destaca, claro, a música:

Na véspera de tarde e na alvorada do dia, duas bandas marciais tocarão no arraial, seguindo, às 10 horas da manhã, a festa principal, como conclusão das novenas celebradas, e constando de missa cantada a grande instrumento com o Santíssimo Sacramento exposto e sermão por um dos mais conhecidos oradores de Guimarães. (Vieira. 1886. 614).

Nesta nossa digressão literária em torno do São Torcato, motivada por Camilo, cabe referência obrigatória à já citada obra *Para Onde Vais, Maria?* Num capítulo intitulado «O



São Torcato», datado de 1909, o autor, Manuel de Sousa Pinto, apresenta substanciaosas descrições pitorescas das festividades torcatenses, que considera as mais exuberantes da alegre região minhota: «o São Torcato, sendo a maior romaria do Minho, é, estou em dizê-lo, a maior festa de todo o Portugal.» (Pinto. 1912. 8). Depois deste rasgado louvor introdutório, são relevados vários aspetos, que contribuem para toda aquela orgia de sons, de cor, de movimento, que caracteriza a romaria:

Ao pé em terra, colhe-nos a mais desordenada, a mais vibrante, a mais estonteadora das barulheiras.

O vastíssimo terreiro do arraial é um mar compacto de barracas, de toldos, de cabeças, de varapaus.

Confundem-se músicas, pregões, descantes, risos, tocatas, campainhas, harmónios, violas, fanfarras, sinos a repicar, bocas a gritar, zabumbas, cornetas, sacabuxas, rouxinóis de barro, assobios. Tudo o que atordoa, tudo o que estrondeja, tudo o que ensurdece! (Pinto. 1912. 12-13).

Segue-se a referência às típicas barracas para venda de doces, recordações, brinquedos:

Nos espaços circundados pelas ruas, há barracas, toldos, palanques e coretos.

Nas barracas vendem-se doces, refrescos, bolachas.

Lá numa ou noutra, brinquedos, coisas de barro, bugigangas, recordações. Duma, concorridíssima, desaparecem bem regateados, mas nada baratos, harmónios e pandeiros. (Pinto. 1912. 41-42).

Não podem faltar as tendas de comes e bebes, pois, claro! Que nem só da palavra de Deus vive um cristão. E também nisso é grande o nosso São Torcato:

Sob os toldos, em profusão, compridas mesas, cheias de gente, cobertas por toa-lhas, que são autênticos “lençóis de vinho”, e sobre as quais pouco tempo permanecem as grandes postas de bacalhau, os bolinhos, as fatias de carne, o caldo verde e os nacos de pão enfarinhado.

É uma devastação, uma orgia pantagruélica, o mais encarniçado desafio de comezainas e comilões. (Pinto. 1912. 42).

O verde vinho, esse, sempre foi o combustível de toda a animação popular minhota. E no São Torcato – lembra-se o leitor de há pouco Fialho de Almeida falar nisso? – ele abunda mais do que nas Bodas de Caná:

Pipas gordíssimas, imóveis, com seus preciosos ventres bem calçados, esguicham de contínuo o verde néctar: o vinho espumacento, arroxado, fresco, convidativo, sem o qual o minhoto não é gente.

Há pipas às dúzias, e a multidão, que vai duma à outra, atrás do melhor sumo, rodeia-as carinhosamente, fazendo companhia sem nunca as deixar sós, às “boas velhotas”, como lhes chama um entendido abade meu amigo.

Em certos anos, esvaziam-se no São Torcato, sem que caia um pingo no chão, oitenta pipas. Mais de cem vi lá eu, e não é natural que regressem como foram. (Pinto. 1912. 43).

O autor continua a desenvolver a descrição, pintando com coloridas palavras aquilo que Jorge Colaço estampou nos azulejos da Estação de São Bento, aquele inebriamento dionisíaco que inunda a vivência popular de um arraial, sobretudo minhoto:

É tarde. Há pelo arraial muita gente deitada, em curiosos e promíscuos acampamentos.

A grande maioria, porém, insiste em conservar-se desperta, em viver toda a grande noite. De mistura com o seu copázio, ou seu copinho da “rija”, excitam-se mutuamente com danças e cantigas. Alguns inacreditáveis corpos bailam e saracoteiam-se há três dias. Certas cantadeiras inverosímeis estão há muitas horas sem deixar de cantar, e ainda não enrouqueceram. (Pinto. 1912. 47).

Voltemos a Camilo. Em romaria minhota que se preze, não pode faltar pancadaria grossa, ateadada por ciúmes, por rivalidades, por velhas contas a ajustar. Na novela *O Cego de Landim*, das *Novelas do Minho*, o narrador evoca, de passagem, umas bengaladas que uns fidalgos de Guimarães trocaram em São Torcato, na disputa por uma “gentil amazona” daquelas paragens:

Às vezes entrava naquela casa a Narcisa do Bravo, sentava-se à mesa ainda abundante do padrinho, e matava a fome. A irmã do cego debulhava-se em pranto a confrontar aquela desgraçada de rosto empolado com esfoliações rubras à formosa noiva de Custódio da Carvalha, à gentil amazona por amor de quem alguns fidalgos



de Guimarães terçaram as suas *badines* de *caoutchouc* na romaria de São Torquato. (Castelo Branco. 1988. 122).

E a propósito do arraial de porrada, convoquemos outro interessante depoimento sobre as festas de São Torcato – um artigo da revista *O Ocidente* (30 de julho de 1910). O articulista (C. A.) começa por descrever todo aquele cenário de folia, no qual sobressaem as barracas onde se retemperam os romeiros e onde se concentram os festejos espontâneos do povo. Curiosa a referência aos salões de beleza ambulantes:

Por aqui e por ali armam-se barracas de venda. Ouvem-se descantes e toques ao som dos quais o povo dança em grande contentamento e alegria, que mais se expande a cada momento que os foguetes de grandes bombas estalam no ar com enorme estrondo.

Por toda a larga avenida que conduz à igreja, erguem-se mastros embandeirados, matizando o céu de azul intenso com o variegado de suas cores. À sombra das árvores que orlam o caminho, enfileiram-se as barracas onde os forasteiros comem e bebem e em frente tocadores e cantores estendem a escudela pedindo alguns cobres. Os mais cuidadosos do seu físico entregam-se às mãos de barbeiros ambulantes, que na via pública abrem o seu salão com uma cadeira e um chapéu-de-sol. (C.A. 1910. 176).

O autor passa, depois, à descrição das celebrações religiosas, de que se destaca a majestosa procissão, com os seus monumentais andores. A quase estreita, quase indistinta, relação entre sagrado e profano nem aqui deixa de estar presente. Os peregrinos do cortejo religioso não resistem a dançar ao som do tambor:

Chega a hora da procissão, um misto de cortejo cívico e préstito religioso, com seus carros triunfais alegóricos até àquele em que vem o S. Torcato.

Abrem a procissão alguns soldados da cavalaria municipal do Porto e logo seguem as irmandades ladeando os clássicos anjinhos, de asas ao vento, alguns ajouçados ao peso dos cordões e medalhas de ouro que lhes cobrem o bustozinho tenro.

Vem agora o primeiro carro, ou melhor um alto trono, que à primeira vista não se percebe como se move; o trono desce quase ao solo, sobre um estrado coberto em roda e só quem perscrutar com curiosidade, conclui que toda aquela enorme fábrica é conduzida por uns tantos homens que se ocultam sob o estrado e as cortinas.

É formidável o trono, todo de doiraduras de cima a baixo. Lá no alto a imagem da

Virgem de tamanho natural, e a de S. Torcato paramentado, ante um altar completo do tamanho do de qualquer capela; para baixo estendem se os degraus por onde se sentam oito meninas vestidas de azul e véus brancos, as quais, quando o préstito para, cantam loas e gesticulam automaticamente apontando para o S. Torcato que vai lá em cima.

Continuam as irmandades com suas cruces, anjos e anjinhos, entremeiam-se músicas pelo cortejo e tudo precede outro carro, ainda mais alto, no seu trono. No topo, como emergindo de espessas nuvens de algodão em rama, se vê figurada a Santíssima Trindade do Padre, Filho e Espírito Santo, e logo abaixo S. Torcato de vestes prelatícias, com outras figuras alegóricas compõem o quadro, além de mais meninas vestidas como as do primeiro carro, que também cantam loas.

A estes carros segue-se uma urna conduzida por quatro rapazes mascarados de sacerdotes, significando a trasladação de S. Torcato que há mais de meio século se realizou.

Finalmente fecha a procissão o pódio, músicas e muito povo que faz acompanhamento, não sendo raro ver um e outro grupo dançando ao compasso dos trombones e do bombo. (*Idem*).



E para terminar, a referência obrigatória à noite de arraial: fogo-de-artifício, luzes, vinho, muito vinho... e bordoadas de criar bicho:

As festas prolongam-se pela noite e dia seguinte com as iluminações características do Minho, com fogos-de-artifício, muito vinho e suas escaramuças de pauladas, efeitos do álcool, dos ciúmes de namorados, ou de ajuste de contas de alguma rixa velha, aprazada para a romaria. (*Idem*).

Cartaz da Romaria Grande,  
1904  
Arquivo da Irmandade de São  
Torcato



Em todos os pontos do programa, festivo e religioso, não há dúvida de que o São Torcato é das maiores e mais emblemáticas, mais paradigmáticas romarias do Minho. Não surpreende, pois, que, querendo um escritor incluir no seu texto, como cenário, uma romaria minhota, tenha esta como arquétipo. Assim acontece com o autor oitocentista, portuense, amigo de Camilo, Alberto Braga (1851-1911). O conto «As Arrecadas da Casseira», incluído no volume *Contos da Aldeia* (1880), abre com a referência à festa de São Torcato. Para dar um enquadramento verosímil ao início da ação, o autor pensou nesta romaria, com certeza mais pelo seu estatuto paradigmático do que por um conhecimento particular, direto e efetivo:

«Reza a *Folhinha* que é a 26 de fevereiro o dia de S. Torquato – santo guerreiro, que recebeu na face esquerda um golpe de alfange maometano, em guerra de cristandade –; mas a grande romaria tinha sempre lugar aí pelo meado de junho.» (Braga. 1880. 153).

Depois desta informação, pouco rigorosa, diga-se, no que toca à data da “grande romaria”, o narrador localiza, de forma vaga, o espaço, e descreve, sempre de forma genérica e estereotipada, a grande afluência de povo:

Fica a ermida situada em vasta esplanada, no alto de uma colina.

Logo ao romper da alvorada, pelos atalhos da encosta vinha subindo a turbamulta dos romeiros foliões. Há cinco anos, como estava um dia de muito sol e de grande calor, era bonito ver o rancho dos lavradores, que vinham abrigados debaixo dos enormes guarda-sóis de paninho escarlate.

Aquilo é por luxo! Olha quem! Eles que andam todo o santo dia do trabalho, no meio dos campos, a sachar, a lavar, a podar, expostos à torreira, têm lá medo do calor! Pois assim que chega um dia de festa, fingem-se mimosos e abrem então os seus guarda-sóis. Outros que são mais francos, nem sequer os abrem; qual! metem-nos debaixo do braço assim como quem abrange um molho de varetas de baleia com paninho encarnado, e lá partem alegres para a romaria. (Braga. 1880. 153-154).

A descrição passa agora para o espaço do arraial, mantendo o mesmo registo estereotipado. O que o autor diz de São Torcato poderia dizer de qualquer romaria minhota:

No lugar do arraial havia arcos de buxo com flores, flutuavam as bandeiras no topo dos mastros, estalavam no ar os foguetes de três respostas; e, de quando em quando, para que a folia não arrefecesse nos ânimos, rebentava um morteiro, que atroava por todas aquelas serranias.

Então, via-se uma revoada de passarinhos, que fugiam para longe, espavoridos pelo estrondo!

Por detrás da ermida ficava uma alameda, e era da alameda que se gozava um panorama delicioso. (Braga. 1880. 154-155).

Alargando a vista, o narrador pinta a paisagem envolvente, com os clichés do pitoresco minhoto:

Ainda me parece que estou a ver de aqui os excelentes campos de milho já maduro, as searas do trigo douradas do sol, e em alguns campos, como o trigo viera temporão, e já tinha havido a sega, aparecia apenas a resteva; dos ramos dos ulmeiros, pendiam as vides de enforcado, e, aquém e além, em alguma herdade de proprietário abastado, destacava-se da ramaria escura dos castanhais as folhas de um verde tenro e alegre das latadas. Ao fundo, pelo córrego abaixo, seguia uma levada que ia mover ali perto as rodas de uma azenha. (Braga. 1880. 155-156).

Em seguida, retoma a descrição do espaço do arraial, detendo-se nas barraquinhas de petiscos, onde jorra o jovial verdasco:

No arraial alvejavam as tendas de lona, onde se vendia o vinho verde e o sável frito. Era ali que estava a grande animação!

– Beba um quartilho, tio José – oferecia um freguês.

– Pois venha de lá.

E então a peixeira, com os braços arremangados e farruscados da fritura, servia um coparrão de vinho espumante.

– Vai outro?

– Nada – acudia o tio José, enxugando os beiços às costas da mão – nada; eu quero beber, mas a modos. Se um homem lhe bebe de mais, como o outro que diz acaba por beber o juízo. (Braga. 1880. 156).

Segue-se a descrição das faustosas e soleníssimas cerimónias religiosas, sempre marcadas por uma idiossincrásica aliança entre profano e sagrado:

Como havia missa cantada e sermão, ouvia-se cá fora a música do coro e o canto arrastado e nasal dos padres. Os devotos entravam e saíam constantemente. De uma vez, à porta lateral da sacristia que deitava para o adro, apareceu o sacristão vestido



de batina escarlata com sobrepeliz franjada de rendas, a agitar o turíbulo de prata para atear mais o fogo do incenso! Não faltava nada! (Braga.1880. 156-157).

Depois, o momento em que todas as atenções se viram para a chegada da senhora morgada, a juíza da festa:

Em meio daquele poviléu houve um movimento extraordinário! Os romeiros que estavam ao longe a admirar os músicos do palanque, acudiram também a ver o que se passava! Havia apertões, recuadas, empuxões e gritaria.

Formaram-se de repente duas alas de povo, para abrir uma passagem respeitosa; e, nisto, a berlinda da senhora morgada, que era a juíza da festa, apareceu então, tirada por dois cavalos possantes, com criados de libré, chapéus de tope e agaloados, rodando vagarosamente em direção à porta da capela. Nesse momento solene subiu ao ar uma girândola triunfante! (Braga. 1880. 157-158).

No termo desta longa digressão descritiva, é finalmente introduzida a personagem principal, a tia Custódia da Moita:

Quem nunca faltava à romaria de S. Torcato era a tia Custódia da Moita, que lá ia sempre com o homem e o netinho. Ninguém havia por aqueles arredores mais estimado e benquisto. A simpatia que eles inspiravam vinha de serem muito amigos do próximo, tementes a Deus e ao mesmo tempo serem muito felizes! (Braga. 1880. 158).

Nunca faltava a Tia Custódia à romaria de São Torcato, mas um dia... faltou. Temos história!

Em conclusão, São Torcato é paradigmático da devoção e da diversão de uma romaria popular, sobretudo entre as gentes do Minho, matéria-prima fundamental da literatura camiliana. E toda aquela exuberância de aspetos folclóricos, etnográficos, pitorescos, é simplesmente proporcional à profunda fé nos poderes milagrosos do mártir Torcato. Em *O Vinho do Porto*, num passo de cariz autobiográfico, atinente à época da sua juventude na cidade da Virgem, Camilo evoca a devoção da sua engomadeira ao santinho. Segunda a velhinha, fora São Torcato quem salvara o escritor de morte certa, por doença rara, através da mão do médico:

Entretanto, o doutor João Ferreira propalava a minha cura da perigosa opilação como a mais rara e inesperada da sua clínica, mediante o ferro e o vinho quinado. Tinha-me arrancado das presas da morte, dizia-se; e a minha engomadeira, uma



devota velhinha, asseverava que fora o mártir S. Torquato de Guimarães que a obsequiara mais uma vez, curando-me. (Castelo Branco. 1990b. 1146).

Em *A Enjeitada*, cujo entrecho decorre na zona de Guimarães, mais uma personagem demonstra a sua fé em São Torcato:

Levantou-se a senhora, correndo pela sala com trejeitos de enlouquecida.  
A velha benzia-se.  
E Flávia bradava:  
— Sou eu! sou eu!  
— Que será, meu milagroso S. Torcato! — resmoneava Luísa, começando um credo em cruz.  
— Ó Luísa — tornou a louca. — Veja estes cabelos... lembra-se destes cabelos?  
— Cabelos! — murmurou a ama temerosa.  
— Sim... Alguém lhe pediu estes cabelos quando eu era pequenina? (Castelo Branco.1986. 345).

Em *Anátema*, o primeiro romance publicado pelo nosso autor, encontramos também uma mulher muito crente nos poderes miraculosos do santinho, que, aliado a outros protetores espirituais, irá salvar seu marido de invejas e maus olhados:

— Não sei o que tenho, Anastácia ! — dizia ele a sua mulher, àquela boa consorte, que, à falta de outros recursos higiénicos ou espirituais, tratava de curar a enfermidade moral de seu marido, desafiando-lhe o apetite com os melhores guisados que pôde amanhar, afora os muitos que lhe ministraram as vizinhas. — Não sei o que tenho, Anastácia!

— Ora, que hás de tu ter, homem! isso são invejas e maus olhados. . . Havemos de ir aos *inzorcismos* ao senhor frei João da Falperra... Vê se comes... olha esta asinha de frango... Tudo se há de fazer pelo melhor, com ajuda de S. Torquato e da Senhora Sant' Ana.

— Oxalá !... — respondia o couteleiro com um ceticismo que não era dele, mas que o sofrimento lhe infiltrara na consciência, que se não acusava de um crime — Olha, mulher... aqui nesta casa, alguma desgraça está para acontecer . . . Não vês como a nossa Micaela anda triste... e descorada?... É que ela também alguma cousa adivinha... (Castelo Branco. 1982. 31-32).



Graças a São Torcato, pôde Camilo escapar àquela doença rara e, assim, continuar a escrever os seus livros. E o bem é todo nosso, que os podemos ler e, com eles, ler o Portugal do séc. XIX. Um Portugal profundo, esse que palpita nas páginas camilianas e, por isso, ainda tão presente nos nossos dias; sempre atual, eterno, porque o Portugal destas páginas é o Portugal “das almas”, como dizia Miguel de Unamuno.

## Referências

Almeida, Fialho de (1921). *Estâncias d'Arte e de Saudade*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

Braga, Alberto (1880). *Contos d'Aldeia*. Porto: Imprensa Portuguesa.

C. A. (1910). «As romarias do Minho». In: *O Ocidente*. N.º 1137, p. 176.

Castelo Branco, Camilo (1986). *A Enjeitada*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Vol. V. Porto: Lello & Irmão Editores, p. 181-353.

Castelo Branco, Camilo (1982). *Anátema*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Vol. I. Porto: Lello & Irmão Editores, p.1-281.

Castelo Branco, Camilo (1983). *Cenas da Foz*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Vol. II. Porto: Lello & Irmão Editores, p. 755-909.

Castelo Branco, Camilo (1990a). *Memórias do Cárcere*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Vol. XI. Porto: Lello & Irmão Editores, p. 373-675.

Castelo Branco, Camilo (1988). *Novelas do Minho*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Vol. VIII. Porto: Lello & Irmão Editores, p. 1-451.

Castelo Branco, Camilo (1990b). *O Vinho do Porto*. In: *Obras Completas*. Publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida. Estudos biobibliográficos, fixação do texto e anotações. Vol. XI. Porto: Lello & Irmão Editores, p. 1115-1152.

Pimentel, Alberto (1905). *As alegres canções do Norte*. Lisboa: Livraria Viúva Tavares Cardoso.

Pinho Leal, Augusto (1880). *Portugal antigo e moderno*. Vol. IX. Lisboa, Livraria Editora de Matos Moreira & Companhia.

Pinto, Manuel de Sousa (1922). *Para onde vais, Maria?* Lisboa: Portugália.

Sanchis, Pierre (1992). *Arraial: festa de um povo – as romarias portuguesas*. 2.ª ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Silos, Domingos da Soledade (1853). *Vida preciosa e glorioso martírio de S. Torcato*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Vieira, José Augusto (1886). *O Minho pitoresco*. Vol. I. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira – Editor.